

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO

N.º 22.

SABBADO 1.º DE SETEMBRO.

1860.

Retratos & Inpis.

FERNANDES PINHEIRO.

Ha um nome que estamos acostumados á lér em frente de todas as emprezas litterarias do Rio de Janeiro; um nome por mais de um titulo credor da sympathia e do respeito de quantos amam o progresso d'esta terra de tanto futuro; um nome que recorda uma de nossas glorias litterarias; Conego Dr. Fernandes Pinheiro. De todos os nossos litteratos é talvez o unico de que se pode dizer: Eis o amigo da mocidade. Os outros cuidam de si, e incidentemente das lettras; elle, ao contrario, cuida de seus interesses por passatempo, a occupação séria é a litteratura, é a historia patria.

Ide ao Instituto dos Meninos Cegos, á essa eschola sublime, onde a innocencia lucha com o infortunio para conquistar a sciencia, onde a luz mortíca da intelligencia infantil debate-se nas trevas para conquistar idéas de um mundo para ella todo ideal: lá ouvireis abençoar o nome de Fernandes Pinheiro. Ide ao Collegio de Pedro II.: lá vereis o mesmo nome inscripto no alcaçar das humanidades. Ide ao Instituto Historico: entre os socios dedicados e frequentes, distinguireis dous, o Imperador e Fernandes Pinheiro. O illustre sobrinho do Visconde de S. Leopoldo segue á risca as tradições de seu parente: é um *homem de lettras*, no sentido genuino da palavra.

Digo no sentido genuino da palavra, por que, si ha entidade complexa e furtacor, é essa do homem de lettras, como se entende em nossos dias. Parece que a palavra vai ficando metaphorica. Será homem de lettras aquelle que sabe escrever circulares aos eleitores? Sel-o-ha aquelle que *improvisa* discursos na camara? porque o *improviso* já distingue o homem de lettras. Será o verdadeiro homem de *lettras* aquelle que faz transacções na Praça do Commercio? Sem discutir as duas primeiras questões, decido-me pela ultima: o negociante é quem comprehendeu as lettras d'este seculo. Nas nações civilizadas, os litteratos fazem pro-

fissão habitual de commercio intellectual. E' quasi o mesmo.

O Snr. Fernandes Pinheiro procede da genealogia dos bellos-espíritos, si se póde traduzir a palavra franceza. Não é *blue devil* como Alfredo de Musset; não é impalpavel como Alfredo de Vigny; não é *rosacco* como Affonso Karr; é um homem plastico, vive n'este mundo e escreve o que vé no mundo. Liberal de coração, sua politica é a arte; gallicano, sua religião é a arte; racionalista, sua philosophia é a arte ainda. Na arte elle mette a historia tambem, principalmente a historia patria, como eu já dice, que é para elle o desinvolvimento da arte, a irradiação do bello ideal, na vida de um povo.

Mas onde estão suas obras? perguntar-me-heis. Não, elle não escreve tudo o que pensa, nem metade do que sabe; mas conversae com elle, e não repetireis a questão.

E' homem assim: quando pedem-lhe que escreva, escreve, sem ostentação, sem orgulho; querem conversar, conversa, com espirito, com agudeza, rindo-se, embalando-se n'uma cadeira de balanço, criticando a época, fallando de politica,—eu já dice que elle é um homem plastico—, contando anedoctas de sua vida na Italia; mas tudo isso sem causticar ninguem, sem mordacidade. Discute, sabe logica, porém não disputa.

Tem uma physionomia particular: rosto largo e cheio, fronte vasta, expressão franca e sympathica; em criança era um *bambino santo*. Falla bem e com eloquencia, mas não é orador, falta-lhe a sonoridade da voz, não tem desembaraço de mimica, nem esse talhe de corpo que impõe ao auditorio, que é o ponto de vista dos grandes oradores. Mirabeau era feio de cara, porém tinha essa belleza corporal, essa arrogancia da figura que quando ordena silencio, todos callam-se, sob pena de ridiculo ou sublime. Mas para ser sublime aqui, só um genio mais alto do que elle.

O Snr. Conego Pinheiro não é poeta; tentou, não pode, largou. Oh si todos tivessem essa consciencia de seus prestimos! não gemeriam tanto os prelos. Estudou muito na Italia. Theologia, canones, a phi-

losophia de Gioberti como a de Cousin, archeologia, historia, os costumes do povo, *consuetudines et mores*, tudo o que poude estudar, lendo e observando. Só não fez uma coisa, contrariando o dictado popular: foi á Roma e não viu o Papa. De perto não viu, porque não beijou-lhe o pé. Também, nem que quizesse, o pé do padre santo não chegava para os santissimos labios dos cardeaes que sentáram-se nos degráus do throno pontificio.

De volta ao Brazil, o Snr. Fernandes Pinheiro criou um jornal: a *Tribuna Catholica*. Intrigaram-n'a as sachristias, porque a *Tribuna* tinha dias de ser um pouco *protestante*: chamavam de protestantismo a doutrina das liberdades da Igreja.

Depois de muito estomagados com as liberdades da Igreja, os homens da sachristia leram na *Tribuna* que nem o concilio éra superior ao papa nem o papa superior ao concilio. *Anathema sit!* E a *Tribuna* morreu. Com tudo, ella tinha feito a apologia dos jesuitas no Brazil. Que ingratição!

Depois d'isso, o Snr. Dr. Pinheiro abandonou o jornalismo, deixou-se de polemicas, e hoje escreve para os jornaes litterarios, mas não é redactor nem edictor, é escriptor e assim vai muito bem. Diz elle que *criou juizo*. E criou mesmo; por que, estar mettendo a verdade pelos olhos dos homens á dentro e os homens á fecharem os olhos e gritarem: Não é isto, não! só de louco.

Escreve cartas muito interessantes pelas observações de gosto, pelo estylo animado e correcto, pela cortezia quasi faceira que as distinguem. Seus artigos litterarios são também assim, conversas affaveis com os leitores, contos, como si estivesse em sua casa entre amigos.

Sua vida é regular, mas não monotona. Vai ao Collegio todos os dias, ás quintas-feiras tem Instituto Historico, aos domingos diz missa no Instituto dos Meninos Cegos, passeia na rua do Ouvidor até o Garnier, onde falla francez e italiano, á noite recolhe-se e põe-se á estudar, quando não ha algum amigo de carne e osso com quem conversar. *De carne e osso*, porque ha outros, genericamente fallando, mais leaes, mais constantes e menos causticos: são os livros, e d'esses possui excellentes o nosso heróe.

O Snr. Pinheiro tem publicado alguns volumes de obras suas e alheias: entre estas, a traducção do *livro de Job* por J. Eloy Ottoni, e a *Assumpção* de S. Carlos, ambas illustradas com artigos seus. Entre aquelles,

ha um folheto de poesias-sacras, originaes e traduzidas, sob o titulo de *Carmes Religiosos*, primeiras inspirações dos vinte annos, e de pouco merito; um pamphleto sobre questões ecclesiasticas, intitulado *Apontamentos*, fructo de sua viagem á Europa, e cheio de observações curiosas e vistas engenhosas sobre seminarios, circunscriptões de dioceses, etc.; uns *episodios da historia patria contados aos meninos*, escriptos com a clareza e graça adaptadas ao fim proposto; além de muitos artigos impressos em varios jornaes scientificos e revistas litterarias, e de um importante trabalho lido no Instituto Historico sobre a *França Antartica*, nome com que designou o estabelecimento dos Francezes no Maranhão pelos primeiros annos do seculo XVII.

Vê-se que o nosso *modelo* adora a actividade. Elle rejeitaria um bispado, para não se desconcertar em seus habitos da vida activa. Não serve para trabalhar na vinha do Senhor.

S. Paulo, Agosto.

Sandoval.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

XVI.

O que dizer hoje que vos agrada, meus caros meninos? Um dos meus costumados sermões? Isso não, que bem fartos estareis, talvez, já delles. E então o que? Versos, não, pois não sou poeta, e nem mesmo geito tenho para engendrar uma quadrinha. No entanto alguma cousa devo escrever, para que não falte com a costumada composição. Eu bem sei que gostarieis ouvir alguma historia, ou anedoctas jocosas que vos fizessem rir; mas como satisfazer ao vosso gosto, si ha tanta deficiencia da minha parte? Nem nunca tive geito para contar historias, nem graça, ao menos, para anedoctas. Isto são dons que nem todos têm, mas que fica bem a todos procural-os, como diz o grande epico portuguez:

«Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito.»

Mas, emfim, o tempo vae passando, e eu ainda não sei o que, nem por onde começar. E aqui fiz pausa, era hora da reza; e como de

costume, nos acompanhou nas nossas orações da noite, uma senhora, exemplo de tantas virtudes, e a quem muito estimamos.

Concluída que foi a reza, começo de novo a ruminar no pensamento, a ver si alguma cousa elle produzia; mas que!... debalde... a cachola nada dava; e até eu penso que nem mesmo um pensamento eu pensava.

Tinha caído em uma especie de marasmo, ou para melhor dizer de estupidez, que de todo me embruteceu. Eis sinão quando, oh felicidade minha! não que me acudisse á memoria alguma cousa boa; eu estava embrutecido: a senhora de que já vos fallei, a appello não sei de que, que havia dito, annuncia ir contar uma historia, que dice ella, tel-a ouvido lá na sua meninice.

Oh! dito electrico, magicas palavras! mal eu as ouço, fui logo transformado desse todo inerte, em um todo de ouvidos; todo eu ouvia!

Uma historia, dizia eu cá em segredo aos meus botões. bravo, uma historia! isso mesmo é que eu buscava, sem que jámais pudesse achar. Agora tenho-a; e bem que me dicesse logo ser já velha, hei-de tambem impingil-a, dice eu, aos meus meninos; e assim ficarei desobrigado da minha composição. O que eu queria, era uma historia, ou ao menos cousa que a valesse; pois eu sabia que gostaes de contos. Lá quanto á idade della, eu não faço escrupulo; e até mesmo que fosse um Mathusalem, eu vol-o havia hoje aqui apresentar. E demais disso, eu devo confessar que até o facto de ser velha me deu no gotto, foi mais uma razão para mais ansiosamente eu esperal-a; eu que gosto de tantas cousas velhas.

Que feliz que então eu me julgava; ia sair de grande aperto; e senti-me livre do maldito pesadelo que me opprimia. Uma historia e velha! oh que grande achado tive eu! Não é na verdade obra minha, a edade o diz, mas que importa, tambem ninguem dirá que plagiei; pois si lhe não publico o autor, é porque não sei quem elle fosse, no entanto eu mostro a fonte donde a bebi.

Vamos a ella:

« Houve n'outro tempo uma senhora, que tinha por costume diariamente mandar a uma pobre invalida uma esmola de pão; e como a boa dona, além de caridade tambem tinha a sua vaidade, tinha sempre o cuidado de perguntar ao criado quando voltava, o que a pobre, sua beneficiada, havia dito.

Todas as vezes a resposta sempre era a

mesma:—Deus lhe pagará, quem faz o bem a si o faz.

—A tal vaidosinha caritativa já estava enfasiada de uma tal resposta, pois antes desejava um comprimento mais lisongeiro.

Um dia, de aborrecida de ouvir sempre o mesmo da pobretona, lhe envia o pão, mas então envenenado.

Ora a velha tinha por costume guardar o pão para o outro dia; e desta vez fez o mesmo que costumava.

Por acaso ou providencia, nesse dia bate-lhe á porta, era o queridinho filho da sua bemfeitora que andando á caça, apertado pela fome, perguntou á velha si tinha alguma cousa que lhe desse para comer. « Eis ali, meu bom senhor, aquelle pão que a pouco me mandou a vossa mãe, si quizerdes, comei-o.»

Nem mais quiz elle ouvir, lança mão da iguaria que o seu estomago tanto apetecia; e com toda a gana de um faminto, devora o pão n'um momento. Acaba, despede-se, vae para casa, e mesmo antes de chegar, sente-se encommoado; chega, por fim, mas já tã doente, e com todos os symptomas de estar envenenado.

A sua mãe fica toda em grande alarma; chama medicos, endaga o que será... Oh! Grande Deus! Soube que o seu querido filho havia comido o pão, que ella mesma havia envenenado! Foi então, mas quando angustias lhe custara, que soube ser verdade que,—quem bem ou mal faz, a si o faz.»

A historia aqui acaba; e praza aos Céus, que a moralidade que ella encerra, salte sempre aos vossos olhos.

Queira Deus que por preço mais barato, vos fique a sciencia do dito da pobre velha:

« Quem faz o bem
A si o faz.»

Que está mais claro no Evangelho de S. Matheus, Cap. 26, v. 52, nas palavras do Divino Mestre: « Todos os que tomarem espadas, morrerão a espadas.» E no Apocalypse, Cap. 13, v. 10: « Aquelle que levar para o captiveiro, irá para o captiveiro; aquelle que matar á espada, importa que seja morto á espada.»

C. Y. 27 de Junho de 1857.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 175)

VI

«Pensas tu que se a cabeça me corresse algum risco, eu a exporia por te salvar? — Oh, que não! — Também tenho a minha vingança e quero folgar depois de a ver satisfeita...»

(A. HERCULANO.—O Bobo.)

A chacara do sr. Gonçalves estava brilhantemente illuminada, a musica soava alegre nos salões, tudo denotava alegria naquella casa de opulencia. Este era o dia das suas partidas mensaes. Escolhida sociedade costumava concorrer para ellas e hoje muito mais, pois que era a vespera do casamento de Julia. Queriam ver a noiva, aquella que era a alma destas reuniões,—aquella que estava em vespuras de despir-se de sua corôa virginal.

Aqui, como sempre, ainda se observava um contraste na vida do homem. No meio da musica, das flores, das joias, das luzes, da alegria, emfim, dois individuos estavam tristes: o sr. Gonçalves e sua filha.

O sr. Gonçalves, por mais que quizesse fingir alegria, não podéra evitar certa agitação que, apesar seu, lhe denunciava o desasocego d'alma! Aquella alma eivada de crimes, aquelle espirito sceptico-atheu tocava a epocha da vida, em que quasi todos os homens da mesma tempera que elle, si não são religiosos com fé, o são pelo terror da sepultura: a velhice.

O sr. Gonçalves votara-se a Deus com fé profunda na primeira quadra da vida; abandonára Deus na segunda para ir se auxiliar no seio de Satan; e na terceira voltava de novo á Religião: com fé? Não: era o medo do inferno que sombreava-lhe a alma no meio da alegria, eram remorsos que pesavam-lhe na consciencia.

O sr. Gonçalves commettera um crime horrivel deshonrando a mulher de seu irmão e amigo, depois do que, suas crenças, já abaladas por este facto, não vendo chegar a punição tremenda, e pelo contrario um estado de quasi felicidade, se obscureceram completamente... e mais um atheu mostrou ao mundo que a religião christã, desvirtuada e mal ensinada por seus sacerdotes, converte os homens para uma crença que ella combate com toda a santidade e persuasão dos seus principios.

Tocando á terceira quadra da existencia o sr. Gonçalves tocava tambem ás bordas do sepulchro, e então teve medo... Não podendo convencer-se da existencia de um Poder Supremo, quiz convencer aos outros que elle tomava a religião da maioria, e d'ahi essa mascara tão repetida de um christão-pagão.

Julia — a pobre menina servia de instrumento á punição do crime... Alma de anjo a fatalidade a escolhêra para patentear mais uma vez a miseria humana; symbolo de virtudes neste drama de crimes, seu amor se acrysolou no soffrimento.

A pobre moça estava pallida, desanimada, seu olhar febril, incerto, espantado facilmente deixava vêr-se o que se lhe passava pelo coração pungido.

O seu noivo — esse sim exultava de prazer... Intelligencia mesquinha, materialista, seu egoismo só via em sua noiva um bello corpo para saciar prazeres, e um avultado dote... E' para homens d'esta natureza que que se pôde dizer: o casamento é uma especulação como qualquer outra — o amor, palavra vasia de sentido.

O casamento de Julia era o thema principal da conversação. Uns se admiravam de que o sr. Gonçalves, que tanto amava a sua filha, a fosse entregar á um homem egoista, pedante, incapaz de uma aspiração nobre. Viam nisso um mysterio que commentavam diversamente. Outros porém que sabiam das relações de Henrique com a noiva, extranhavam que o sr. Gonçalves, sem uma razão forte, que não fosse a da pobreza, causasse a desgraça de dois entes, cujo unico crime era se amarem.

Emfim, todos viam n'isto um mysterio que não podiam penetrar.

A musica soava alegre no sarão do sr. Gonçalves.

Henrique não podéra dormir o resto da noite. Seu exaltamento tocava á loucura. Seus pensamentos ora se voltavam á sua amante, ora á historia que o velho lhe havia contado. Entre a historia do velho e a sua propria historia, pareceu-lhe descobrir alguma simillhança. Esta idéa fazia-lhe arrepiar os cabellos, porque importava esta outra: Entre Julia e elle o impossivel, ou um crime.

Aqui é que o velho mendigo mais influa sobre elle: quem tiral-o daquella duvida horrivel? Sómente o velho. Assim elle se agarra ao desconhecido como a sua unica salvação.

Este homem tomava mil fórmulas na fraca e enferma imaginação de Henrique. Ora era um bemfeitor, um anjo que o vinha salvar depondo-lhe nos braços a sua amante, fazendo-os eternamente felizes; ora parecia-lhe vêr um velho louco, com uma lanterna na mão, cavando uma sepultura, abrindo um caixão, rasgando um sudário de um cadaver, rindo-se ás bordas do tumulo... rindo-se como um demonio saciado de vingança... rindo-se como um descrido perante a imagem de Deus!

Onze horas soaram lentamente no coração de Henrique. Era a hora fatal, a hora predilecta daquelle desconhecido.

Henrique levantou-se. Vou ouvir a minha sentença! exclamou elle; aconteça o que acontecer. Julia hoje me pertencerá!

Tomou um chapéo e saiu.

A musica soava alegre no sarão do sr. Gonçalves,—tudo respirava alegria. A lua já estava alta, era uma noite bellissima—nem uma nuvem no céu. O luar aclarava o jardim; as flores rescendiam.

Henrique caminhou rente ao muro; quando se aproximou de uma latada de jasmim que formava um caramanchão, de dentro lhe atiraram uma escada.

Parou por um instante. O coração batia-lhe com força, teve presentimentos que aquella escada o ia levar ao inferno. Hesitou.

—Julia não pôde ser minha irman! disse elle como respondendo á consciencia.

E subio.

—Julia, minha Julia!... parece que ha um seculo que eu não te vejo! parece que é uma esperanza morta que revive!... Vem, Julia, senta-te aqui em meus joelhos,— não te lembras? aqui, neste mesmo logar, outr'ora quando eramos crianças, tu te recostavas em meu peito, eu te abraçava como agora, beijava-te os cabellos!... não te lembras? aqui tu juraste ser minha noiva!... Vem, chegado é o dia de cumprires o teu juramento... Lá, naquella casa representa-se uma comedia infame: uma mulher não pôde ser noiva de dois homens!... Tu és minha noiva, vem pois, perante estas flores, perante este céu, perante Deus que se manifesta em tudo isto, vem ser minha—sómente minha!...

—Sim, Henrique! este amor é fatal, acompanha-me desde a infancia, corre-me nas veias, affluc-me ao coração, sobe-me á ca-

beça—embriaga-me!... Não sabes, Henrique? esta noite sonhei que ia ser tua, que te ia pertencer em corpo e alma— eu era tão feliz! Mas de repente a morte caiu sobre mim, matou-me em teus braços! Será isto verdade, Henrique? Não!... toma em teus braços a tua noiva, porque tu és o meu unico noivo; foge com ella para longe destes lugares amaldiçoados! Tenho medo de me demorar aqui!... aquella musica me incomoda, aquellas luzes me cegam, aquella sala me parece o inferno e os homens demonios, dançando ao redor da sua victima! Aqui sim estou no céu, aqui tenho vida, tenho forças para abraçar o meu noivo!...

E a pobre moça delirando abraçava o seu amante. Seus labios se uniram n'um beijo intimo, no qual suas almas se fundiram uma na outra, suas vozes se extinguiram n'um suspiro d'amor.

Henrique possuia aquella moça que a fatalidade lhe atirara aos pés.

De repente dois vultos surgiram perto delles, como se houvessem saído do inferno para perturbarem aquella união criminosa...

—Francisco Gonçalves, eis ali a tua filha!.. disse um delles, e deu uma gargalhada.

—Minha filha!! deshonrada!! Oh!!

—Sim, miseravel, deshonrada, e por teu proprio filho!.. E deu outra risada mais medonha.

E a musica soava alegre no sarão.

—Minha filha!! gritava o sr. Gonçalves sem poder dar um passo, como se os pés lhe estivessem enterrados no chão, ou uma cadêa os prendesse á terra.

—Dize antes teus filhos! e deu uma risada mais medonha que as outras duas. Depois tirou um craneo do seio.

No interior do caramanchão se passava uma scena talvez mais horrivel! Julia havia succumbido á sensualidade do seu amante. De repente surge ante ella seu pai. O susto, o terror que a tomou causou-lhe uma reacção; esta foi tanto mais forte quanto o prazer era subidissimo. A pobre moça apenas pode dar um grito e morreu nos braços do seu amante.

Henrique, sentindo a amante desfallecida escorregar-lhe dos braços, ia acudil-a, quando ouvindo as palavras do mendigo: deshonrada e por teu proprio filho, teve um accesso de loucura. Via ali, não sua irman deshonrada por elle, mas sim a sua amante morta, e sgarrou-se ao cadaver como uma onça á presa.

—Julia! dizia elle, não morras! vem, fu-

jamos depressa!... não vês? estamos no inferno, os demonios nos perseguem, nos chamam — não ouves?

—Minha filha!... lançaste minha alma ao inferno!... Sou um reprobado!... gritava o miseravel retorcendo os braços, immovel, preso á terra, com os cabellos arrepiados sobre a cabeça, e o olhar desvairado como o do insano.

E a musica soava alegre no sarão...

E o mendigo ria com um rir diabolico...

Estava satisfeito, farto, enfim, de vingança.

Quiz mostrar então ao infame, que continuava a gritar pela filha, de que mão partia a vingança. Despiu-se dos andrajos de mendigo, um trajedecente cobria este homem cujo corpo e cujo semblante muitissimo se pareciam com os de Francisco Gonçalves. Feito isto, sacudiu a este por um braço, e disse com um tom de voz de quem estava perfeitamente satisfeito do que se passára:

—Francisco Gonçalves, vês se me reconheces? Não te lembras? Vou avivar-te a memoria. Vês este craneo? olha bem: nestas orbitas já rolaram dois olhos lindos como duas estrellas: vês estes dentes? appareciam alvos como a neve quando dois labios de carmim sorriam.. Sabes de quem é este craneo? E' o de uma mulher que se chamava Elisa...

—Antonio Gonçalves!!

—Conheces-me agora?—Miseravel, que deshonoraste a mulher do teu irmão e amigo!.. Mas a deshonorada deixou um legado... Vêde como seu marido soube cumpril-o...

E elle apontava para o cadaver de Julia, que Henrique continuava a apertar nos braços, rolando pelo chão e dando rugidos como os de fera.

—Meus filhos!! meu irmão!!

—Não! já não somos irmãos: somos dois demonios rivaes que disputamos as portas do inferno!... Não te lembraste das ultimas palavras de nosso pai moribundo: «Meus filhos, é minha vontade que vivaes sempre unidos; se assim o fizerdes, a bençam de um pai extremoso vos acompanhará sempre... senão sercis amaldiçoados.» Maldito, que me arrastaste á perdição para saciares teus torpes desejos!...

—Elisa!! Elisa!!—e deu uma gargalhada de louco.

E a musica soava alegre no sarão.

Depois correu para onde estava o cadaver de Julia, arrancou-o dos braços de Henrique, levantou-o e o trouxe para fóra do ca-

ramanchão. A lua deu de chapa naquelle rosto livido pela morte.

De repente o corpo de Francisco Gonçalves estremeceu, o cadaver escorregou-lhe dos braços que ficaram suspensos, as pernas se curvaram tremulas.

—Prostituta inces....

Ja dizendo com voz rouca, e caiu sobre o cadaver da filha.

Estava morto.

—Elisa, minha Elisa— em fim estás vingada!... disse Antonio Gonçalves apertando o craneo ao coração.

E a musica soava alegre no sarão.

*

Algum tempo depois d'esta scena, outra não menos horrivel se passava em Lisboa. No mesmo dia, quasi na mesma hora, um homem morria apunhalado, em quanto que um outro homem, na mesa d'uma cea esplendida, brindava a sua noiva. O homem que morria era Antonio Gonçalves: o noivo era Henrique.

Antonio Gonçalves, herdeiro da fortuna de seu irmão, doára-a ao filho de sua mulher, e depois desapparecera de S. Paulo.

Uma noite, ás onze horas e meia, um vulto bateu á porta do coveiro do cemiterio dos Prazeres.

—Quem bate a esta hora? E' muito tarde para enterrar cadaveres! gritaram de dentro.

—Guardaste-me bem aquella sepultura? respondeu-lhe o vulto.

A porta se abriu.

—Eis-me de volta, meu velho, disse Antonio Gonçalves. Não me esperavas mais?... Toma esta bolsa, dá-me uma cavadeira e até um dia.

Cavou a sepultura da mulher, tirou o caixão, abriu-o. Dentro estava o esqueleto sem craneo, levantou-o: abraçou-se com elle, depois cravou um punhal no coração e caiu dizendo:

—Elisa, vou dizer-te que estás vingada!

Henrique, o libertino que havia assassinado uma mulher que roubára, pensando ter sido por ella enganado, estava com o coração para sempre eivado de vicios. Elle mentira quando dissera que o amor de Julia o havia regenerado; este amor era pura sensualidade; aquelle espirito de descrido só tinha fé no vicio.

Morta a sua amante, consummado, bem que sem conhecimento, aquelle goso incestuoso, pensou que o mundo lhe era vazio e quiz morrer... A morte, porém, o assustou.

Preferiu antes procurar consolo no meio dos vicios.

Como dissemos, Antonio Gonçalves lhe doára a sua fortuna. Reduzida a dinheiro, Henrique partiu para Lisboa. Ahi, no meio dos folguedos, dos bailes, das orgias, apagou-se o ultimo lampejo daquella alma votada ao crime desde o seu nascimento.

Comprára a casa que foi de seu pai e fez della um centro de orgias, para onde acudiam todos os libertinos e perdularios da cidade.

Um dia casou-se com uma das suas amantes.

E durante uma eáa esplendida, quando os convivas já cahiam ebrios, e elle brindava a sua noiva — Antonio Gonçalves morria abraçado ao cadaver de sua mãe...

— Assim é a vida do homem: sempre contrastes...

FIM.

MOSAICO.

Silencio: persuade ás vezes mais do que as palavras.

Imprensa: é uma buzina de que os pobres tem precisão, para que os grandes os ouçam. Luz de gás clarissima e economica.

Parodia: arremedo do macaco.

Idade das mulheres: E', na opinião de um critico, o unico segredo que ellas sabem guardar.

Riqueza: Infelizmente é o thermo-metro da consideração.

Gratis: E' uma palavra tão extranha aos nossos costumes, que foi preciso ir busca-la ao latim.

Albarda: E' o nome que se deve dar á casaca de muitos.

Honra: E' a mais elastica de todas as palavras.

ERRATA.

Na pag. 169, col. 2, na primeira linha do artigo—Resenha Academica—lêa-se—admire-se, em lugar de—vos admireis.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 168.)

SIM.—Ande lá, patrão, escreva, que tudo isto está muito direito.

GRA.—(Com voz surda). Ah! Eduardo, Eduardo!

SIM.—(Lendo por cima do hombro de Graça). ...Ponto e virgula, patrão.—Muito bem.

CONDE.—Além disso todos sabem que esta loucura é já de muito tempo. Mil indicios denunciaram-na em sua infancia, e hoje está evidentemente reconhecida.

CONDES.—E não conviria que toda a familia se reunisse para proceder contra essa mulher e tomar conta dos bens do marido!

SIM.—Sobre tudo tomar conta dos bens. Não se esqueça de escrever isto, sr. Graça.

GRA.—(Baixo). Deixa estar: tu has de pagar-me tudo isto.

SIM.—(Lendo). ...Ponto, patrão.—Muito bem.

GRA.—(Lendo). «E receberá mercê.—Lisboa, aos 31 de dezembro, etc.» (Alto). Prompto: falta só assignar. (Ao Conde). Aqui está a penna, sr. Conde.

CONDE.—(Assigna e depois dá a penna á Condessa). Assigne agora V.² Ex.^a

CONDES.—(Assigna). Faltta agora a assignatura de nossos parentes e amigos.

SIM.—Si V.² Ex.^a quer, incumbo-me das assignaturas de tão respeitaveis pessoas.

CONDES.—Com muito gosto, sr. Simões.

SIM.—Então guardo o requerimento. (Guarda-o). Para fazer delle o uso competente. (A' parte).

CREADO.—(Entrando). O sr. Visconde já chegou.

CONDES.—Bem, deixae-nos.

SIM.—Sim, sra. Condessa.

GRA.—E' o meu desejo ha muito tempo.

CONDES.—Não se esqueça desse negocio, sr. Simões, que é urgente.

SIM.—Não, minha senhora, affianço-lhe que não me esquecerei.

GRA.—(Baixo). Desta vez fico sem o meu futuro genro.

SIM.—(Idem). O senhor já não regula e é necessario que eu o substitua. (Alto). Tenho a honra de complimentar os meus nobres protectores.

CONDES.—Andae, andae.

GRA.—(Baixo). Vamo-nos embora, senhor velhaquete.

SIM.—(Baixo). Cale-se, patrão: você não

sabe o que está dizendo: agora estamos nós de posse de seus projectos e mais facilmente poderemos mallográ-los.

GRA.—Ah!... é isso!?... (A' parte). Olhem que o rapaz é das Arabias!...

CONDES.—O que estão os senhores dizendo?

SIM.—Nada... nada... senhora... Isto cá é outra cousa; estou tratando de catechizar meu sogro...

GRA.—Que d'ora em diante pertence á V.^a Ex.^a em corpo e alma. (Sahem).

SCENA 4.^a

A Condessa, o Conde e depois Fernando.

CONDES.—Si o requerimento não for inferido, teremos conseguido o nosso fim.

FERN.—(Entrando). Estão sós?

CONDES.—Sim, estamos.

FERN.—Julgava encontrar Maria com-vosco.

CONDES.—Logo que ella soube da nossa chegada, recolheu-se á sua camara.

FERN.—Porquê?

CONDES.—Ainda o perguntaes?...

COND.—Não sabes que ella não nos estima?

FERN.—Novas queixas. O que vos fez, Maria, para que assim vos conspireis contra ella?

CONDES.—Não manchou ella a vossa e a nossa honra?

FERN.—Não me exaspereis contra ella, minha irmã: sou ciumento e quereis aproveitar-vos dessa arma: é maldade.

COND.—Tu nos accusas, Fernando? Estarás cego para não veres com que olhos de compaixão todos nos encaram!

FERN.—Cala-te!

CONDES.—Com que desprezo a tratam?

FERN.—(Com força). Calae-vos, senhora!

COND.—E que consideração póde merecer uma mulher que nos deshonrou?

FERN.—(Fóra de si). E' uma infamia, uma calumnia! e prohibo-te que me repitas essas palavras!

COND.—Ah! prohibes-me de dizer o que todos sabem? o que viste e presenciaste?

FERN.—(Com furor). Mentas!

CONDES.—Senhor!

COND.—Ameaças-me para defender a innocencia de tua virtuosa esposa? Não seria melhor repellires-me da tua casa?

FERN.—Ah! como é bello provocar-me as-

sim, excitar a minha desesperação e o meu furor! E' realmente digno de um cavalheiro, é realmente acção de um nobre: resguardar-se com o titulo de irmão para torturar-me o coração! para dizer-me vilmente: Cubro de lama a mulher que tu honras, que tem teu nome—e tu não a vingarás, porque sou teu irmão! Insulto-te na tua honra, no teu amor por ella—e tu devorarás esses insultos, porque sou teu irmão! Ultrajo-te, calco-te aos pés—e tu não erguerás a cabeça, porque sou teu irmão!... Tu, meu irmão?... Sim! tu o és!—mas Caim tambem foi o irmão de Abel!

CONDES.—Fernando, estaes louco!... nós compadecemos-nos do teu estado!...

FERN.—(Com ironia). Mereço a vossa compaixão, senhora?—Sim! mereço-a, por que sabeis que amo cégamente Maria, quando quizeres que eu a repellisse; e compadeceis-vos della porque é uma mulher virtuosa, que não se infamou, como o desejaveis! Ah! tendes em verdade corações de nobres!.

CONDES.—Fernando!

FERN.—Confessae que não vos importaes com a minha honra e sim com a minha fortuna!

COND.—Desgraçado!

CONDES.—Atrevestes-vos a dizer...

FERN.—A verdade!—Para vós, essa herança de dous milhões devia pertencer-vos, e si eu vo-la tivesse atirado, Maria seria então a mais pura e a mais honesta das mulheres!

CONDES.—Saíamos desta casa, para nunca mais voltarmos á ella, Conde!

FERN.—Sim! ide-vos!—Deus julgará entre nós! (A Condessa e o Conde sahem. Fernando cahe acabrunhado sobre uma cadeira).

SCENA 5.^a

Fernando e Maria.

MAR.—(Entrando). Que rumor será este? Ah! Fernando! que tens, Fernando?

FERN.—Nada, nada...

MAR.—Repelles-me?

FERN.—A ti! (Olha ternamente para ella). Não te repillo, não: acredito na pureza de tua alma, na sinceridade dos teus juramentos: só a mim amas!—não é verdade? só a mim tens amado!—não é assim?

(Continua).